

*"UM HOMEM, UMA MULHER
E UM QUARTO"*

ORIGINAL EM DUAS PARTES

DE

C O S T A F E R R E I R A

PERSONAGENS

" UM HOMEM, UMA MULHER

A MÃE D'ELA..... E..... 40 anos

A MÃE D'ELAS..... 40 anos

UM QUARTO "

O PAI D'ELA..... 45 anos

O PAI D'ELAS..... 45 anos

O MAGISTRADO..... 50 anos

O ACESSOR..... -- 50 anos

VOZ DE HOMEM
Original em duas partes

VOZ DE MULHER

de

1.ª BAILARINA

COSTA FERREIRA

1.º BAILARINO

2.º BAILARINO

--

Começado a escrever a

21 de Julho de 1961

terminado a

16 de Setembro de 1961

--

Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA

P E R S O N A G E N S

ELA..... 22 anos

ELE..... 22 anos

A MÃE d'ELA..... 40 anos

A MÃE d'ELE..... 40 anos

O PAI d'ELA..... 45 anos

O PAI d'ELE..... 45 anos

O MAGISTRADO..... 50 anos

O ACESSOR..... 30 anos

VOZ DE HOMEM

VOZ DE MULHER

1.ª BAILARINA

2.ª BAILARINA

1.º BAILARINO

2.º BAILARINO

O dispositivo cénico deve contar com um estrado central pouco alto que pelas dimensões, pela iluminação e talvez por quatro pequenos postes que estão nos quatro cantos, deve sugerir um "ring" de luta livre. No canto superior direito e no canto inferior esquerdo, duas cadeiras muito simples, ao centro uma cama sobre a qual incidirá uma luz forte quando as personagens mimarem o dar a volta ao interruptor que se supõe existir na parede do fundo. À direita e à esquerda dois estrados, um pouco mais altos, sobre os quais pelos mesmos processos simples se devem sugerir duas salas. A da esquerda é a confortável sala de estar duma família burguesa, poltronas, aparelho de televisão cuja imagem só será sugerida pela luz, secretária, etc. A da direita tem apenas uma velha poltrona de cabedal com um pé partido substituído por um pequeno caixote, uma mesa de pé de galo com um baralho de cartas e o retrato do "Pai d'Ele". Estes três estrados pelas proporções e iluminação devem estar completamente isolados uns dos outros. Ao fundo, por trás do estrado central, um estrado muito alto que ultrapassa em altura pelo menos trinta centímetros a personagem mais alta que actuar no estrado central. Sobre o estrado do fundo uma estátua da Justiça e diante enorme mesa com cadeirão virado para o público e que ocupa o centro da cena, nos extremos direito e esquerdo da mesa, pequenos tamboretos. O acesso ao estrado do fundo faz-se por duas escadas à esquerda e à direita que se perdem nos bastidores por trás dos estrados laterais. O acesso para os estrados laterais far-se-à sempre pelo fundo. O acesso ao estrado central far-se-à por onde oportunamente for indicado.

Quando **PRIMEIRA** sub **PORTE** marcha e as pessoas que já têm mimica indicada, animem-se. Uma vez de homem que deve soar atrás dos espectadores homens e ouvir-se:

1.ª PARTE

O pano sobe ao som duma marcha guerreira. Estão todas as personagens em cena e as luzes todas acesas. ELA e ELE no primeiro plano respectivamente diante dos estrados da esquerda e da direita, ambos envergam gabardines iguais de golas levantadas, calças justas pretas e estão em cabelo de mãos nos bolsos virados para a frente. No estrado da esquerda, a MÃE d'ELA na poltrona, vê a televisão, o PAI, a secretária, escreve num grande livro de contabilidade. No estrado da direita, a MÃE d'ELE, despenteada e embrulhada num chale, deita cartas. No estrado do fundo o MAGISTRADO assina, sem ler, papéis que ininterruptamente o ASSESSOR lhe vai dando até onde for indicado. Caído de bruços no chão no primeiro plano, ao centro, o PAI d'ELE. Só o estrado central está vazio.

Quando o pano acaba de subir cessa a marcha e as personagens que já têm mímica indicada, animam-se. Uma voz de homem que deve soar atrás dos espectadores começa a ouvir-se:

VOZ

Aquí têm o esquema no qual vamos assistir ao grande combate de luta livre que um homem e uma mulher vão travar dentro de todas as suas prisões. Os esquemas são necessários não só para ajudar a memória moderna sobrecarregada de estatísticas, de números e de portas fechadas, como para acordar a imaginação entorpecida pela publicidade dos sabonetes e dos frigoríficos. Além disso com este esquema pretendemos dar uma idéia das regras do jogo que se vai jogar aquí. O jogo com o mistério do seu desenlace, a sedução das suas apostas e a utilíssima ginástica da sua competição é uma das mais nobres preocupações do homem actual e um dos mais seguros penhores da paz social. Por isso para ele apelamos ao pretender desencandear paixões que neste momento ainda não podemos saber onde nos vão levar. Resta-nos apresentar os lutadores desta noite. Ele! (ELE dá um passo em frente) 75 quilos de peso e duas toneladas de esperanças mortas. Um autêntico tigre de violência e desespero, treinado durante vinte anos por aquela senhora histórica que deita cartas e por aquele senhor

que digere álcool deitado na santa humildade da terra mãe. É um combatente que não admite tréguas nem nunca aceitará compromissos.

Ela! (ELA dá um passo em frente) 50 quilos de peso e quatro toneladas de revolta. Tem a convicção de que se há-de fazer justiça e por essa justiça está disposta a lutar até morrer. Foi treinada por aquela senhora que vê televisão, que vê montras, que vê fitas de cinema e contrata criadas e por aquele senhor que faz contas certas quando está em casa e erradas quando negocia na rua.

O combate será julgado por aquele magistrado que faz uma média de sessenta assinaturas por minuto, sempre iguais, tendo elevado assim o moral mundial da mecanização humana até roçar de perto a pureza, a segurança metódica e a utilidade social da máquina. Por consequência ele representará a garantia matemática da única verdade a que um bom cidadão tem o direito de aspirar.

O PAI D'ELE

(Levantando-se, num grito) Não!...Eu não quero que o combate comece, não quero!...(Pausa. Num sorriso) Mesmo bêbado, não quero...Não querer é sempre mais fácil do que querer...Eu sei muito bem porque já em tempos quis (Junto d'Ele, num berro) Quis, ouviste?! Quis a valer...Quis com o sangue... (Quebrado) O mesmo sangue que hoje precisa tanto de álcool para aquecer (Ele continua impassível) Eu sei que tu não me ouves, que já há muito tempo deixaste de me ouvir, mas sou o teu pai e preciso de falar para me ouvir a mim próprio. Tudo pelo mesmo motivo por que canto de noite num cais solitário, depois de ter bebido bem, a única cantiga que me fica na memória quando já esqueci tudo o mais. Uma cantiga inútil como a lua numa cidade iluminada. Falo para mim apenas (A chorar) É mentira! É mentira! É para ti que eu falo. Eu sou teu pai e tenho medo da tua luta, não quero ver-te lutar...É um engano, nós nunca conseguimos possuir ninguém neste mundo, nunca...E matamo-nos nessa ânsia e de repente uma manhã somos dois cadáveres abraçados...dois cadáveres que cheiram mal mas que ainda odeiam (Sarcástico) E a vida arma-nos a câmara ardente com coroas de esperanças mortas e palmas de combates inúteis. (Apontando a platéia) Olha aquele que tem o emprego que tu de se jaste...Olha aquela mulher

que é da idade da tua e parece filha dela...Olha o automóvel do Silva, a glória do Pereira e o prédio novo do Monteiro. É sobre a tua escada suja e encontra todos os dias a mesma cara amarela e magra que hoje desistiu de se pintar, que amanhã vai aparecer emoldurada de cabelos soltos mais ainda com um olhar que brilha numa esperança...Até que um dia, de repente como uma pedra que se esboroa numa parede sem dono, esse brilho apaga-se... a voz é diferente, quase não soa, as mãos vermelhas e inchadas deixam de se abanar na nossa nuca...Tudo é passivo, frio e morto como um dever que um homem sem amor escreveu num livro qualquer para os outros cumprirem. (Escondendo a cara nas mãos, num grito): O dever! Essa coisa horrível que se crava na memória como um punhal, que doí sempre mais quando a gente quer descansar... (Descobrimo o rosto) Bocas sem dentes nem lábios, que dão beijos podres, beijos que cheiram ao mofo das prisões. (Pendurando-se dum ombro dele) Não queiras...Não queiras...Depois só fica a rua, a rua e o vento frio, e este calor de dentro, este calor com campainhas que se bebe até que o punhal caia...(Leva as mãos às fontes numa pausa. Depois rindo) E os inimigos assinam o tratado de paz...Abrem-se então as portas das prisões, o nosso Auschwitz privativo transbordando de ursos articulados que vêm para o sol catar piolhos...A ambição que já não é...A inveja que já não sabe querer...Um amor de vísceras frio como a fome que pede apenas um calor qualquer seco e duro como um pão velho e um nevoeiro de fogo que arde como o sol do Sahará e é preto como Londres...(Numa transição) Eu sou culto, nunca te esqueças disso... Sei que o Sahará é um deserto e que um poeta falou em "lanches de misérias"...Fui aprovado em vários exames e até por causa disso os meus pais uma vez deram um jantar de festa e ofereceram-me o meu primeiro cigarro legal e a chave da porta. (Rindo) Eu era a promessa, prometia tudo: um pássaro, a lua e as minas da Pérsia... Depois, um dia...Ah! Mas tu já sabes isto, eu já te contei...Um dia disseram-me que eu pertencia à geração do sacrifício...E pronto tudo ficou explicado...Eu nunca mais fiz perguntas...Num instante fiquei a saber todas as respostas e deixei o meu diploma glorioso de promessas muito bem encaixilhado pendurado na parede ao lado do retrato da minha sogra. Comecei a ensinar-te a fazer contas (Aos berros) A ti, burro!...Que nunca aprendeste a achar